

A fotografia de Sebastião Salgado e seu caráter transitório: da fragmentação do espaço-tempo aos códigos binários da narrativa transmídia¹

Santiago Naliato GARCIA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apontar os últimos trabalhos de Sebastião Salgado, discutir sobre eles e relacioná-los aos conceitos de narrativa transmídia situados por Gosciola (2014), tendo como objeto de estudo, especificamente, os livros Genesis, Da minha terra à Terra, e o vídeo documentário Sal da Terra, todas obras que baseiam-se na ampla produção fotográfica do profissional. Busca-se estabelecer diálogo entre os sistemas empregados e seus respectivos suportes midiáticos durante a feitura documental dos trabalhos citados enquanto a linguagem transita entre o sistema clássico fotográfico e o da transmídiação.

PALAVRAS-CHAVE: fotodocumentarismo; fotojornalismo; documentários biográficos; Sebastião Salgado; narrativa transmídia.

INTRODUÇÃO

O tema “A fotografia de Sebastião Salgado e um possível caráter transitório: entre a fragmentação do espaço-tempo e os códigos binários da narrativa transmídia” refere-se a um trabalho de conceituação de linguagens utilizadas de forma midiática. De um lado, a fotografia como a conhecemos, analógica e digital, em seu formante bidimensional, em papel, tela, ou qualquer outro suporte planar. De outro, conceitos que delineiam a construção de um conteúdo novo, denominado transmidiático, a partir e para a utilização, de forma conjunta e complementar, não homogênea, em diversos dispositivos comunicacionais.

O objeto deste estudo não são as fotografias isolas do profissional, mas sim o trabalho amplo de Sebastião Salgado, reconhecido fotógrafo brasileiro de larga produção imagética documental. Essa diversificação das práticas comunicativas do fotógrafo será observada e articulada com auxílio de conceitos que podem justificar e caracterizar essa nova linguagem, mais ampla em relação às estratégias de veiculação e mediação da clássica e singular fotografia. Para podermos realizar tal associação e

1- Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

2- Doutorando em Comunicação pela ECA-USP, email: vistasantiago@usp.br ou santiagarcia@gmail.com

análise primeiramente dissertaremos sobre os conceitos de narrativa transmídia e, posteriormente, será feita explanação e análise do material pesquisado do fotógrafo, associando-o aos conceitos.

Os conceitos utilizados são os descritos por Gosciola (2014) no artigo Narrativa Transmídia: conceituações e origens. O objetivo é delinear nos últimos grandes trabalhos de Salgado elementos gerais e específicos que podem ser compreendidos como narrativa transmídia. Utilizaremos para tal três objetos: sua biografia Da minha terra à Terra, escrita por Francq (2014), o livro Genesis, de publicação do próprio Salgado (2013), e o vídeo documentário assinado por seu filho, Juliano Ribeiro Salgado (2014), intitulado O Sal da Terra.

A relevância deste trabalho está na observação de natureza bibliográfica e videográfica da transitoriedade deste renomado fotógrafo brasileiro entre diversos meios, suportes, tecnologias e linguagens sendo, portanto, um dos referenciais no seu campo de produção técnica brasileira.

EXPOSIÇÃO DOS CONCEITOS DE NARRATIVA TRANSMÍDIA

Para compreender, em essência, o fenômeno comunicacional, revisamos o descrito por Gosciola (2014) que defende voltar às origens do termo para conceituar corretamente a narrativa transmídia. De acordo com o autor, o termo aparece pela primeira vez como *trans-media composition*, em 1975, criado pelo compositor e instrumentalista Stuart Saunders Smith. Essa denominação inicial fora cunhada para representar a composição de melodias, harmonias e ritmos diferentes para cada instrumento musical e para cada músico que a executava. A ideia baseava-se na complementariedade de tais apreços musicais entre os músicos. Mas o termo somente foi aplicado no campo da comunicação quase duas décadas depois, em 1991, na publicação do livro *Playing with Power in Movies, Television, and Video Games: From Muppet Babies to Teenager Mutant Ninja Turtles*, de Marsha Kinder. Tal aplicação do termo deu-se na ocasião em que Kinder relata suas observações de que seu filho, em momentos distintos, lhe pareceu ampliar uma narrativa que cada vez mais interessava à criança, chamando de *transmídia intertextuality*, ou, como definido por Kinder (1993), como um supersistema de entretenimento.

Na sequência de tal conjuntura, e em favor de cunhar um termo e sua aplicação empírica, tem-se na figura de Brenda Laurel, designer, professora e escritora, um papel

importante. É com ela que a produção se desvincula de um único suporte e passa a permear múltiplas plataformas:

Depois de criar e dirigir a empresa de comunicação transmídia, *Purple Moon*, de 1996 a 1999, (Laurel) escreveu o artigo *Creating Core Content in a Post-Convergence World*. No texto, ela define o conceito *think transmedia*, sobre a necessidade de abandonarmos o velho modelo de criação de propriedade exclusiva em um determinado meio, como filme, e depois redirecioná-lo para criar propriedades secundárias em outras mídias. Temos de pensar em termos “transmídia” desde o início (Laurel, 2000). (GOSCIOLA, 2014, pág. 8).

Anos depois, no artigo *Transmedia Storytelling*, de Jenkins (2003), tem-se uma definição completa sobre Narrativa Transmídia, na qual cada meio faz o que faz de melhor, sendo que a mídia que inaugurou determinada produção não seja, necessariamente, a mesma que irá encerrar uma determinada história. Cada meio deve ser autossuficiente para nutrir uma narrativa em um fruir autônomo.

Após rever em seu texto as produções de Jenkins, Gosciola (2014) delinea na obra analisada que uma narrativa transmídia é uma história maior que as partes divididas em diversas mídias, e que se assim o faz é para que cada mídia possa contar melhor sua história a partir de seus figurativos intrínsecos de produção e veiculação, sendo, ao final, todas as partes de tal história integradas em um produto maior. Na síntese do autor:

Sendo assim, a narrativa transmídia é basicamente uma história, mas o que a diferencia de outras histórias é que ela é dividida em partes que são veiculadas por diferentes meios de comunicação, cada qual definido pelo seu maior potencial de explorar aquela parte da história. (...) Está implícito que as partes da história de um projeto baseado em narrativa transmídia estão atavicamente ligadas por pertencerem originalmente a uma única história. Mas isso não é garantia de que a audiência compreenderá que as partes formam um todo. Cada história de um projeto transmídia deve ser percebida pela audiência como uma parte cuidadosa e devidamente separada e não como um pedaço cortado à esmo, isto é, a separação das partes da história completa não pode ser feita de modo arbitrário ou aleatório, o ideal é que seja estudada de modo a manter íntegra aquela parte até os seus últimos filamentos narrativos que assim a caracterizam. (GOSCIOLA, 2014, pág. 10)

O ponto que trazemos como agregador desta discussão baseia-se na apropriação de tais conceitos e na sua aplicação ao objeto de estudo proposto, observando como se

dá a transitoriedade (não o processo de transição) entre sistemas, desta forma, demonstrando as partes e contextualizando-as em uma articulação que a caracterize como narrativa transmídia.

A partir dessas definições de Gosciola (2014) e exemplificações do entendimento das partes que formam essa narrativa, deve-se conhecer os objetos aqui propostos para reconhecê-los como pertencentes a esta estrutura multifacetada e complementar apresentada pelo autor. Todos eles derivam e formam a história de Sebastião Ribeiro Salgado Júnior, o “Sebastião Salgado”.

SEBASTIÃO SALGADO E SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Todas as informações abaixo descritas são contadas no trabalho *Da minha terra à Terra*, de Isabelle Francq (2014), a biografia oficial de Salgado, e são apresentadas de forma inicial para apresentar o protagonista dessas obras. O fotógrafo é natural de Aimorés-MG, tendo sua infância vivida no Vale do Rio Doce. Aos 15 anos, foi para Vitória-ES, para concluir o Ensino Médio. Chegou a cursar Direito, mas formou-se em Economia. Nos anos conturbados da década de 60, com o golpe de Estado do marechal Castelo Branco e a instalação do Regime Militar, Salgado e sua esposa partiram para a França por motivações políticas. Decorrido todo o tempo necessário para a ambientação nas terras francesas, sua esposa adquiriu equipamento fotográfico como parte do seu então curso de Arquitetura: uma Pentax *Spotmatic* II. Foi desta forma indireta que o então imigrante tomou contato com a fotografia, abrindo um pequeno laboratório fotográfico na *Cité Universitaire* posteriormente.

Nos anos 70, após a venda significativa de algumas imagens já fruto do seu avanço no campo da fotografia, Salgado conseguiu comprar diversos equipamentos analógicos, como máquinas Leica e ampliadores profissionais, e estabeleceu-se definitivamente nesta profissão. Trabalhou para a revista *La Vie* cuja tiragem semanal era acima de 500 mil exemplares. Passou por diversas agências de fotografia: Sygma, Gamma e Magnum, tendo convivido com fotógrafos como Henry Cartier-Bresson, George Rodger e Eric Lessing. Tais experiências trouxeram *know-how* fotográfico e uma bagagem excepcional na produção fotográfica.

Durante boa parte de sua carreira e ao longo das viagens para seu trabalho fotográfico documental, Salgado carregou uma enorme quantidade de equipamentos analógicos, câmeras e filmes, mas com o atentado terrorista às torres gêmeas nos EUA,

fotógrafos analógicos de modo geral começaram a sofrer avarias em seus filmes em decorrência de uma das medidas de segurança tomadas desde então. Entre eles, Sebastião Salgado, que percebeu a conclusão do projeto Genesis ameaçada. O motivo: o aumento da segurança nos aeroportos com as revistas recorrentes com equipamentos de raio-x. Ao passar um filme negativo por uma máquina de raio-x a perda da qualidade final pode ser observada na sua revelação. Em geral, nota-se alteração nos tons de cinza, elemento estético que é determinado antes de fotografar, por um processo chamado de Pré-visualização, ato metodológico prévio à exposição do negativo no qual o fotógrafo faz sua decisão sobre como regular seu equipamento técnico para conseguir guiar o processo de revelação e edição afim de obter a imagem perfeita. Com base em problemas deste tipo, Salgado decide migrar de tecnologia e passou a utilizar câmeras fotográficas digitais (DALCOL, 2014). A transição se deu em 2008, quatro anos depois de iniciado o projeto de seu último livro:

Em uma viagem, eu passei por sete aeroportos, alguns com dois controles de raios X. Na maioria dos casos, passando uma vez, não incomoda muito o filme. Mas, passando três a quatro vezes, aí modifica a estrutura do grão do filme, as gamas de cinza. Então, começou a prejudicar muito o trabalho. Eu não aguentava mais, era uma tensão. O filme que usei para o *Genesis* era de Médio Formato, um tipo de filme largo e comprido, chamado 120, e que não tem invólucro metálico de proteção como o de 35mm. Então, era um filme muito mais exposto. Aí, chegou a hora de tomar uma decisão: ou eu resolvia esse problema ou abandonava o *Genesis* pela metade. (DALCOL, 2014)

Relata o fotógrafo que sua preocupação no novo sistema era a conservação da imagem, uma vez que os HDs nos quais os arquivos digitais são armazenados sofrem demasiados problemas técnicos, comprometendo a perenidade das imagens. Como alternativa, buscou um processo de organização do seu acervo no qual ele gera um arquivo analógico a partir do digital nativo. Ele continua selecionando, editando e ampliando imagens sem usar o computador, por intermédio de material físico gerado por seus assistentes para esse fim. Apesar da mudança de sistema, o fotógrafo acredita ter mantido sua linguagem ao mudar do filme para o digital, mudando apenas o suporte e a qualidade da imagem que, segundo ele, está melhor. (DACOL, 2014), (FRANQC, 2014).

Simbolicamente, esse processo de mudança representa não apenas a garantia de uma imagem melhor, mas a transição do fotógrafo para a técnica dos produtos digitais.

A partir da transição fotográfica, acredita-se haver superado a barreira tecnológica que impõem sistematicamente adequações às presentes técnicas de novas linguagens e formas de convivência. Altera-se a tecnologia, altera-se nossa relação com o real estabelecida pelas intermediações simbólicas e seus dispositivos no processo comunicacional. A figura a seguir apresenta o fotógrafo em dois momentos distintos de sua relação com a técnica:



Figura 1: Duas imagens que mostram dois momentos e uma transição: da fotografia analógica ao equipamento digital (frames do filme Sal da Terra)

Optamos por apresentar primeiramente diversas informações gerais sobre o fotógrafo para que este trouxesse informações acerca da trajetória de vida de Salgado, o que fornece elementos para que se entenda adequadamente as relações que se estabelecerão nesse estudo. Na sequência apresentaremos, de forma linear, os três últimos trabalhos significativos dele para que se possa articular os conceitos aos objetos aqui apresentados.

TRÊS OBJETOS E UMA LINGUAGEM

Das suas obras que se entrelaçam e permeiam diversos meios, o primeiro material lançado foi o livro *Genesis*, em 2013. Está dividido em cinco grandes capítulos: Sul do Planeta, Santuários, África, Terras do Norte, Amazônia e Pantanal. Começou a ser fotografado em 2004, na Ilha de Galápagos, e suas expedições terminaram com o registro da Amazônia e do Pantanal Brasileiro. O livro do fotógrafo brasileiro que foi morar na França, publicado por uma editora alemã e impresso na Itália, contém imagens fotográficas de 30 países, feitas ao longo de oito anos. Traz no seu layout fotografias ricamente ampliadas, ocupando páginas inteiras, orelhas

adicionais e páginas ampliadas, o que certamente eleva o potencial informativo do livro, gerando novas relações com o sistema de leitura; algumas, contém mais de uma imagem, às vezes um enorme jogo delas. Todo espaço é ricamente aproveitado.

Em Genesis, o formato de grandes dimensões físicas de 335mm por 243mm e 3890g do livro potencializam ao extremo seu caráter figurativo. As fotografias podem ser, em decorrência deste suporte, ricamente trabalhadas e organizadas. A impressão é correta, as articulações de folhas que se abrem e que ampliam para o dobro da dimensão física inicial é de um uso racional extremo que articula graça e objetividade no mesmo suporte de celulose, dando maior visibilidade para a mensagem fotográfica. Esta obra inicial trouxe um bom exemplo de uso correto do suporte em relação ao processo comunicativo da fotografia. Definido o meio fotográfico, buscou-se um suporte planar que atingiria o extremo do seu potencial informativo, seja pela forma, seja pelo conteúdo.

O segundo material produzido e publicado é a biografia do fotógrafo: o livro Da minha terra à Terra, lançado entre Genesis e o filme, em 2014, complementa algumas narrativas do livro fotográfico e aprofunda a relação entre a imagem como suporte da mensagem e o texto, mesmo que em tom confessional, clássico das biografias. É ricamente descritivo, e seus textos revelam muito mais que o olhar de um fotógrafo: expõem a natureza humana de um transeunte sempre atento das diferentes humanidades existentes no planeta Terra. É, certamente, o livro que conecta todas as obras do profissional em uma única narrativa.

O livro biográfico apresenta toda a história da pessoa Sebastião Salgado desde criança, passando pelos seus estudos e sua ida para a Europa, até sua plena formação e atuação como fotojornalista e fotodocumentarista. Também há relatos no livro sobre sua relação com os animais que fotografou, citando especificamente uma tartaruga gigante nas Ilhas Galápagos, caso repetido diversas vezes em entrevistas mundo afora. Esse produto é bem mais modesto em dimensão em relação ao fotográfico, mas por cumprir outra função, configura-se mais adequado ao proposto. Possui 210mm por 140mm, pesando 260g. Utiliza principalmente a linguagem verbal escrita para trazer toda a significação da vida do fotógrafo. O texto é ricamente detalhado e apresenta de forma objetiva diversas e precisas informações. Ao longo de todas as suas páginas, a narrativa se estabelece adequadamente ao tom confessional desse tipo de trabalho. É, em essência, aprofundado informativamente por meio dos signos linguísticos.

A figura a seguir apresenta a capa das duas primeiras obras:

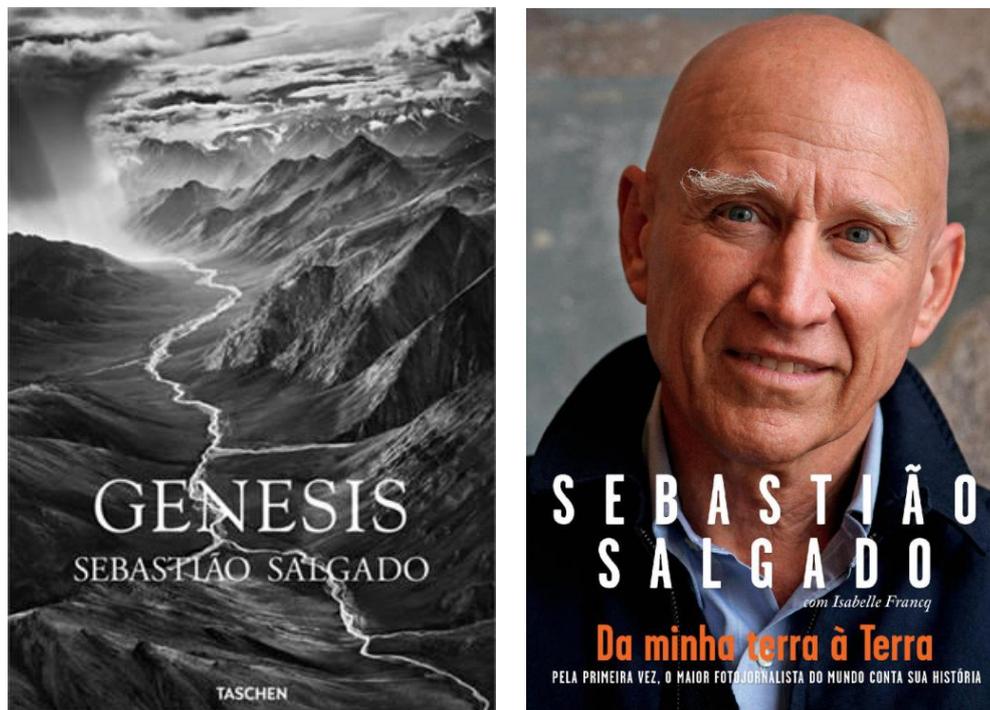


Figura 2: Em ordem cronológica: Gênesis, obra fotográfica publicada em 2013, e Da minha terra à Terra, biografia de Sebastião Salgado publicada em 2014

Por fim o vídeo documentário, que está dividido em partes, sendo que suas representações são as obras de Salgado ao longo de sua vida. O vídeo documentário começa em *blackout*, utiliza técnicas tradicionais para o referido suporte: transições e fusões de imagens, recursos sonoros sincronizados com as imagens visuais, apresentação de imagens estáticas de forma a dar movimento à elas, adequando-as ao suporte. A duração é de 110 minutos e teve suas cenas inéditas captadas para reprodução em *fullhd*. Embora o formato de vídeo seja atual, há inserções de imagens em seus respectivos formatos originais, como o 4:3 visível na Figura 4, mas sem ajustes forçados, mantendo-se o formato original dentro do formato atual de alta definição.

Entrecortando os trabalhos fotográficos mostrados, estão vídeos e fotografias avulsas que contam a vida dele por meio de um perfil biográfico, com depoimentos do seu pai e do seu filho, além da narração, em primeira pessoa, dos diretores do filmes e do próprio Salgado. Assemelha-se, em alguns momentos seu conteúdo, ao caráter biográfico do livro. Diferentemente das outras duas obras, esse objeto traz diversos enunciadores e enunciados: o próprio Salgado e os dois diretores. Com isso, é tecida uma narrativa coletiva, também complementar, que enriquece o enunciado.

Em outro recurso da narrativa que caracteriza a linguagem fílmica, uma imagem começa a aparecer com um efeito prolongado de transição e zoom, conforme demonstra a figura:

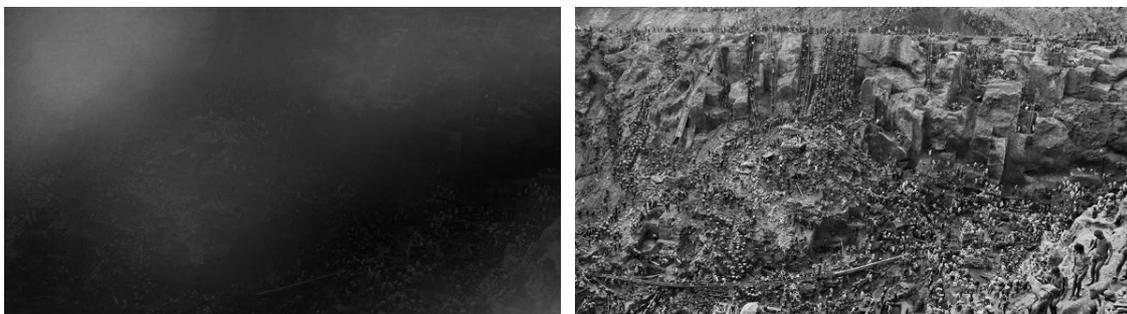


Figura 3: Duas imagens que mostram dois momentos e uma transição: do registro documental da fotografia analógica à representação e efeitos do equipamento digital (frame no início e no final de seu efeito de transição do filme Do Sal a Terra)

A fotografia deixa de ser fotografia e passa a ser vídeo. Ela sai do suporte impresso e aparece na tela com um efeito a partir da suposta observação do próprio fotógrafo, como se ele estivesse dentro da própria imagem, uma alusão à sua autoria ou presença naquela espacialidade original. Para conseguir este efeito, o rosto do fotógrafo aparece sobre uma imagem, criando a estética que se verá repetida ao longo de todo o produto audiovisual (Figura 4). Além disso, puderam ser observados alguns takes aleatórios e rápidos sobre dois outros livros não objetos desse artigo, mas suficientemente distante da representatividade que se faz com Genesis.



Figura 4: Cena que se repetirá ao longo do filme. O rosto do fotógrafo aparece sobreposto a imagem fotográfica, compondo uma estética fílmica que simboliza a natureza presencial do fotógrafo naquele espaço de registro

Há, ainda, uma série de recortes de outras imagens e então são apresentados em ordem os trabalhos: Outras Américas (1977-1984), Brasil (1981-1988), Sahel, o Homem em Agonia (1984-1986), Trabalhadores (1986-1992), Kuwait (1991), Êxodos (1993-1999) e, por fim, Gênese (2004-2013). Em todos os tópicos, as obras do fotógrafo são ricamente ilustradas com imagens dos livros quase sempre em movimento, relatos do fotógrafo e contextos sociais e políticos narrados pelos diretores.

As histórias se complementam nesse ínterim e parecem saldar toda uma vida de trabalho contada ao fim nesses três produtos midiáticos base, que garantem por si só a extensão da presença do fotógrafo não apenas nos produtos lançados, mas em diversos programas de televisão e entrevista para jornais e revistas, que reverberaram também na internet e nas mídias sociais. Observando-se as datas de lançamentos, fica evidente que o período de preparação das obras esteve conjugado, sendo certamente concomitante o processo de seleção, organização, edição. O planejamento de toda essa logística gera, ao final, três relevantes produções que comprovadamente se completam, cada qual aproveitando seus recursos característicos.

Ao observar todos os trabalhos publicados objetos deste estudo, nota-se que a última produção surge em um tempo de transformações sociais e tecnológicas já ocorridas e consolidadas, tanto no que tange o cotidiano da fotografia de Salgado quanto no social no qual estamos todos inseridos. Com essa análise dos três diferentes produtos observamos, em cada um deles, suas peculiaridades que elevam a utilização de cada formato ao extremo, como assinalado por Gosciola (2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Há concordância com os relatos de Gosciola (2014) sobre a natureza dos trabalhos de Sebastião Salgado. A saturação dos meios na utilização de cada um dos suportes por Sebastião Salgado e de forma complementar estabelecem, seguramente, a presença também na fotografia de uma nova linguagem: a da narrativa transmídia. O fotógrafo utilizou cada um dos meios em sua saturação, ou seja, apropriou-se ao máximo dos recursos que cada tipo de mídia poderia oferecer e amarrou a narrativa de forma complementar nos três produtos: um não existe sem o outro e todos só existem a partir de Salgado.

Portanto, após a análise atenta das três obras objeto desta pesquisa, é seguro considerar que embora as produções aparentemente sejam distintas, em conteúdo e narrativa, trazem elementos em comum: se no livro biográfico Salgado conta sobre a

uma tartaruga, é no seu livro fotográfico que ela é ricamente ilustrada. Se uma tribo praticamente intocável é mostrada em vídeo, do alto, ao longo do documentário, são nas fotografias de Genesis que eles têm sua história detalhadamente contada, e em seu caráter biográfico o livro, que utiliza mais o código verbal escrito, traz todas as experiências que levaram e motivaram o fotógrafo a realizar tais trabalhos. O leitor atento pode estabelecer diversas relações como esta na observação dos três trabalhos.

Pode-se, portanto, observar que tais produções – escopo desse trabalho – são, sim, complementares em forma e conteúdo, nos parecendo se adequar aos conceitos teóricos explicitados no início desta pesquisa.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

DALCOL, Francisco. **Sebastião Salgado fala de “Gênesis”, projeto que o levou a 30 países em oito anos**. Porto Alegre: Zero Hora, 2014. Disponível em: <<http://m.zerohora.com.br/287/entretenimento/4419763/sebastiao-salgado-fala-de-genesis-projeto-que-o-levou-a-30-paises-em-oito-anos>>. Acesso em: 23 de mar. 2017.

FRANCQ, Isabelle. **Da minha terra à Terra**. Tradução: Julia da Rosa Simões. São Paulo: Paralela, 2014.

GOSCIOLA, Vicente. **Narrativa Transmídia: conceituação e origens**. In: CAMPALANS, Carolina; RENÓ, Denis; GOSCIOLA, Vicente. (Org.). **Narrativas Transmedia. Entre Teorias y Práctica**. Barcelona: Editora UOC, 2014, pág. 7

Jenkins, Henry. **Transmedia Storytelling**. [blog Technology Review]. Disponível em: http://www.technologyreview.com/printer_friendly_article.aspx?id=13052.

KINDER, Marsha. **Playing with power in movies, television, and video games: from Muppet Babies to Teenage Mutant Ninja Turtles**. Berkeley: University of California, 1993.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

SALGADO, Sebastião. **Genesis**. São Paulo: Editora Taschen do Brasil, 2013.